

*Paty do Alferes: o sentido migratório de sua insurreição (Rio de Janeiro, 1838)*

Alan de Carvalho Souza \*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar argumentos sobre a insurreição ocorrida em seis de novembro de 1838, que possam possibilitar uma nova abordagem sobre o seu sentido final. Com uma abordagem que a difere das anteriores, propõem um sentido migratório da sublevação dos cativos envolvidos. Tal direcionamento é retirado de documentos produzido durante e posteriormente ao levante, como: comunicação das autoridades envolvidas na captura e do processo crime movido contra os escravos participantes.

Palavras-chave: insurreição, documentos, novas abordagens.

ABSTRACT

This article aims to present arguments on the uprising occurred in six November 1838, which could enable a new approach on the final order. With an approach that differs from previous ones, offer a sense of the uprising of captives migration involved. This direction is taken from documents produced during and after the uprising, as communication of the authorities involved in the capture and process crime against the slave participants.

Keywords: insurgency, documents, new approaches.

A escolha para abordar o evento sucedido em seis de novembro de 1838, como insurreição migratória é em função dos seus detalhes particulares, como a grande quantidade de pertences levados pelos cativos e também por não se tratar de uma fuga reivindicatória (SILVA; REIS, 1989, p.63), pois não estava em busca de uma melhor condição de trabalho e de vida dentro do dia-a-dia da fazenda.

Buscando o significado das palavras para apresentar o acontecimento que reuniu centenas de escravos, em que pudesse acrescentar um sentido maior do que apenas de uma insurreição, cujo significado remete: a revoltas; sublevação. A palavra migratória deu mais significado ao que penso sobre o evento. Referindo-se a migração, que por sua vez significa: passagem de um país para outro, mas como migrar significa: deslocar-se de um país, ou região, para outro, tenho certeza que a palavra escolhida dará conta do que foi o evento do dia seis de novembro, mas também sou conhecedor que, principalmente tal palavra, possa causar certa estranheza.

---

\* Mestrando em História Política no Programa de Pós-Graduação da Universidade Severino Sombra. Bolsista Capes. [ppunk\\_alan@hotmail.com](mailto:ppunk_alan@hotmail.com)

Na noite do dia seis de novembro, um grupo formado por mais ou menos oitenta escravos da fazenda Freguesia, propriedade do capitão mor Manoel Francisco Xavier, sublevaram-se levando uma grande quantidade de mantimentos, ferramentas, roupas, animais, armas, utensílios de cozinha e dentre outras coisas mais de vinte galinhas vivas. Uma demonstração de que não se tratava apenas de uma simples insurreição e muito menos de uma fuga: ato de fugir. Estava sim, tratando de um evento de maior proporção que representava para os escravos um alto valor: a formação de um espaço sem a presença do senhor, ou seja, sem os mandos e desmandos de um proprietário

No dia seguinte, durante o ataque a fazenda da Maravilha saquearam os paios, arrebanharam mais adeptos para a insurreição e ainda tentaram matar o feitor da fazenda, Zeferino, que escapou pelo telhado da casa (SOUZA, 1972, p.42) numa tentativa de acerto de contas. Após o assalto a fazenda todos os insurretos se dirigiram para mata, local do encontro com o grupo liderado pelo escravo Epifâneo, propriedade de Paulo Gomes Ribeiro de Avelar, outro grande proprietário de escravos e dono do sítio dos Encantos e membro da família Ribeiro de Avelar.

Posteriormente ao encontro se dirigiram em direção as serras da Taquara e da Estrela e a serra do Couto, momento em que houve uma divisão do grupo em dois, seguindo um em sentido a Taquara e Estrela e o outro em sentido do Couto. Os grupos eram formados por mulheres, velhos e crianças sem contar os homens [adultos], que segundo os depoimentos dos próprios escravos no processo de insurreição afirmaram a participação de mais ou menos duzentos e poucos escravos. Quantidade essa conhecida em função da existência de um escravo que dentre outras funções a ele delegada, realizava a contagem a cada amanhecer. O seu nome era Epifâneo Moçambique.

Já neste segundo momento da fuga, por assim dizer, um outro fator chama atenção: em nenhum momento houve ataque a qualquer outra fazenda da localidade, “ (...) *Pindobas, Pau Grande, Guarabu e Anta, cada uma com mais de 300 escravos (...)*” (SOUZA, 1972, p.44), conforme temia o chefe da guarda Nacional em ofício encaminhado ao presidente da Província para a autorização da mobilização de uma força composta por mais de vinte homens em conformidade com o decreto de seis de julho de 1836, autorização esta não respeitada pelo guarda Nacional (Ibidem).

Muito menos houve um ataque ao sítio dos Encantos, cujos escravos já se encontravam na mata para o encontro com os escravos de propriedade do capitão mor. Talvez

por terem conhecimento que as autoridades se preocupariam com um possível ataque as fazendas ao em torno ou mais um indício no sentido de migração da fuga. Prefiro a segunda opção com embasamento na composição dos insurretos: crianças, velhos e mulheres, que com certeza em seu início - insurreição - eram conhecedores que a composição não lhes possibilitariam um ataque as outras fazendas, se fosse esse o objetivo.

Voltando para a composição dos insurretos, nota-se a participação de mulheres o que com certeza é outro indício para melhor entender o sentido de uma insurreição migratória, pois das sete ouvidas no processo de insurreição, seis eram casadas, demonstrando a participação de famílias ou pelo menos de alguns núcleos familiares.

No depoimento da escrava Lourença Crioula, casada com José da Cidade, quando perguntada se era verdade que levavam safra de ferreiro com bigorna, martelo e torno? Respondeu que Manoel Congo “*disia que para faserem suas obras no mato*” ( Processo Crime, fls. 57v). Por sua vez Mariana Crioula, casada com Jose, quando perguntada se os carpinteiros levavam suas ferramentas, respondeu que sim, mas não sabia a finalidade (Ibidem, fls. 54). Estaria Mariana Crioula escondendo informação, uma vez considerada a “Rainha” dos insurretos? É bem provável, pois das escravas ouvidas juntamente com Brisida Crioula foram as únicas que sabiam a quantidade de armas em poder dos companheiros; “*des ou onze*” (Ibidem) informadas por Mariana e “*mais de dose*” por Brisida.( Ibidem, fls. 58)

Outro dado além da composição dos escravos, fora toda bagagem levada durante o evento, o que com certeza foi determinante para o ritmo da caminhada, sem contar o alto contingente de sua formação e composição:

*Traziam mais de 20 arrobas de açúcar, muito fubá, farinha, toucinho, carnes, mais de vinte galinhas, cinco perus, dois carneiros (que fielmente nos acompanharam para casa), grande quantidade de utensílios de cozinha, machado, foices, enxadas, cavadeiras, ferramentas de carpinteiro, de ferreiro, uma bigorna, quarenta a cinqüenta caixas com roupa fina e alguma engomada, grande quantidade de periódicos para cartuchame, folhas em que tinham trazidos pólvora, cento e tantas esteiras, numerosas quantidade de mantas de dormir, talvez 60\$000 rs. ( SOUZA, 1972, p.51).*

Vários itens chamam atenção para o sentido de uma insurreição migratória: utensílios de cozinha, ferramentas, bigorna e caixas de roupas finas, além dos animais e dos mantimentos. Segundo o depoimento de Manoel Congo, no processo de insurreição, quando perguntado se levava ferramenta em caixas para edificarem casa, respondeu que todos os carpinteiros levaram suas ferramentas, (Processo Crime, fls. 42v) e no mesmo processo quando foi perguntado ao escravo Miguel Crioulo se levavam uma safra de ferreiro,

respondeu que levavam bigorna, martelo, torno da tenda de ferreiro, cuja finalidade era para consertar as espingardas (Ibidem, fls 49 e 49v). Durante a insurreição daria tempo para restaurar as armas, ou estaria o escravo escondendo a real intenção de levarem consigo as ferramentas? Certamente só seria possível consertar as armas quando já estivessem estabilizados e não no período da insurreição, quando pernoitavam em ranchos feitos ao anoitecer, após um dia inteiro de caminhada pela mata.

Segundo o juiz de paz de Paty do Alferes em comunicação ao juiz de direito interino, informou que *“se achou todo o preciso para o estabelecimento de uma nova fazenda”* (SOUZA, 1972, p.51). Manoel Congo deixa um forte indício para a formação de uma fazenda quando responde que todos os carpinteiros levaram suas ferramentas, o que dá ainda mais sustento ao sentido migratório dos escravos. Dentro de todo o preciso para estabelecer uma fazenda encontrava-se uma grande quantidade de roupas com mais ou menos quarenta a cinquenta caixas de roupas finas, e ainda cento e poucas esteiras de dormir e uma alta quantidade de mantas com a mesma finalidade e sem contar os animais e aves em poder dos cativos: mais de vinte galinhas; carneiros; perus e tudo que se achava vivo (Ibidem).

Outro item da posse dos escravos foi a quantidade em dinheiro de mais ou menos 60\$000 rs [sessenta mil reis], que o juiz de paz tomou para si justificando como indenização as viúvas dos dois pedestres mortos durante o confronto. O dinheiro apreendido demonstra a existência de um comércio informal dos escravos, talvez com as tavernas da freguesia ou com os mascates que visitavam as fazendas, o que de certo modo é comprovado com a informação do chefe da Guarda Nacional em sua comunicação com o presidente de Província, Paulino José Soares de Souza, *“Dois meses há, pouco mais ou menos, que disse Manuel Borges de Carvalho que fora apreendido no Pilar uma grande porção de pólvora em barris, comprada com dinheiro destes escravos”*(Ibidem, p.43). Qual seria o destino real desse dinheiro? Uma provável hipótese em caso positivo, seria a utilização para o suprimento das primeiras necessidades do assentamento da fazenda comandada pelos próprios cativos neste mesmo comércio informal.

Teria a insurreição não obtido sucesso, como? Se mais de duzentos cativos participaram e apenas 22 foram presos e sete foram mortos? O que se sucedeu após o confronto foi um fracionamento do grupo confrontado quando se espalharam pela mata se escondendo da equipe de captura deixando todos os pertences para trás e assim impossibilitando a sobrevivência por um período maior longe da fazenda e desta forma

justificando não por completo o retorno da “maioria” conforme informou o capitão mor em carta direcionada ao presidente de Província “*a maior parte dos escravos que se evadiram já me acho de posse deles*” (SOUZA, 1972, p.55) que ainda informava como os escravos voltaram para a fazenda da qual fugiram: “*uns vieram apresentados voluntariamente, outros apadrinhados e outros reconduzidos presos*”(Ibidem, p.56).

Mas o que possibilitou o retorno de alguns escravos a fazenda foi a perda dos pertences durante o confronto, que conforme relato do coronel Ribeiro de Avelar “ [...] *forçoso foi queimar tudo aquilo que os camaradas não puderam carregar, a fim de se lhes tirar todos os recursos*” (Ibidem, p. 51), prejudicando assim o objetivo final da insurreição, que era a construção de um espaço longe dos olhares de um senhor.

Nas informações apresentadas pelo capitão mor, quando compartilhava o retorno da maioria de seus escravos, estava escondendo o real motivo da comunicação que foi o incômodo da força policial dentro de sua propriedade, bisbilhotando e prejudicando o andamento da fazenda e ainda o alto custo de arcar com a alimentação de toda tropa, além da desmoralização de estar sendo subjugado pelos Wernecks frente ao povoado.

#### **Fontes:**

Processo-crime de insurreição. Centro de Documentação Histórica, Universidade Severino Sombra, CDH.

SOUZA, Jose Antonio Soares de. *O efêmero Quilombo de Pati do Alferes*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 295, 1972.

#### **Referências Bibliográficas:**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. (Coleção História)

BRAGA, Greenhalgh H. Faria. *De Vassouras: histórias, fatos, gente*. Rio de Janeiro, Ultra set Ed., 1978.

ENGEMANN, Carlos. *De laços e de nós*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FARIA, Sheila de Castro. *Identidade e comunidade escrava: um ensaio*. Rio de Janeiro, outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.google.com.br/academico>> . Acesso em 09 de dezembro de 2008.

GOMES, F. S. *História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PINAUD, João Luiz Duboc. *Insurreição Negra e Justiça*. Rio de Janeiro; Ed. Expressão e Cultura – Exped Ltda. 1987

RAPOSO, Ignácio, *História de Vassouras*. Niterói; Seec, 1978.

SILVA, Eduardo, REIS, João José. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.